

Paloma, a filha mais moça do famoso pintor, revela que os seus melhores anos foram
vividos ao lado do artista - "Um homem carinhoso mas de gênio instável"

Ao longo de uma vida de 91 anos, em que provocou polêmicas, ensaios, entrevistas, filmes e livros, Pablo Picasso tornou-se íntimo de todos. Mas a sua vida particular, o seu verdadeiro gosto de homem permanecem na obscuridade, parcialmente iluminada por alguns depoimentos pessoais daqueles que conviveram com o famoso pintor por algum tempo. A sua filha mais moça, Paloma Picasso, também pintora, revela agora algumas particularidades de uma vida estranha — a de seu pai — que não podem ser julgadas pelos padrões habituais: afinal, Picasso foi um gênio.

Reportagem de
LORENZO VINCENTI
Fotos das Agências
GAMMA, KEYSTONE e AP



PICASSO, MEU PAI

● Durante a guerra, Picasso foi um dos poucos artistas a permanecer em Paris durante a invasão dos alemães, apesar de o seu nome figurar na lista negra dos nazistas. Foi nessa ocasião, em 1943, que ele se encontrou com minha mãe, Françoise Gilot. Picasso tinha 62 anos, e minha mãe apenas 21. Ela foi ao número 7 da Rua des Grands-Augustins, entre o Bulevar Saint-Germain e o Sena. Era ali que meu pai pintava o seu quadro mais famoso, *Guernica*. Minha mãe foi visitá-lo como aluna de pintura que era, e fazia-se acompanhar por uma colega. Picasso convidou-as para almoçar, e foram a um restaurante, Le Catalan, que era frequentado por artistas e escritores. Assim teve início uma união destinada a durar dez anos e que deu a Picasso dois filhos: Cláudio e eu.

● Nasci em Paris, a 19 de abril de 1949. Nesta época, os muros da cidade estavam cobertos por um desenho de Picasso: a pomba da paz. Foi por esse motivo que meu nome ficou sendo *Paloma* (pomba). Mas as minhas primeiras recordações datam dos três anos. Meu pai, já septuagenário, estava sempre desenhando, ou completando algum trabalho. A mim, aquilo me parecia perfeitamente natural, porque acreditava que todos deviam saber desenhar e pintar. Por isso mesmo, num canto da sala, eu também começava a fazer os meus desenhos. Volta e meia, ele interrompia o seu trabalho e me alisava a cabeça. Examinava meu quadro, mas não fazia comentários. Quando muito, sugeria: *mude esta cor, ou elimine este traço e faça maior aquele outro*. Mas sem o tom de quem está ensinando. Eram frases genéricas, ditas a uma menina. Com os adultos, quando se referia a Cláudio e a mim, costumava dizer: "Não quero influenciar as crianças, elas devem crescer livremente e escolher espontaneamente o seu destino. O tempo dirá se se trata de uma brincadeira infantil ou de um verdadeiro talento."

● Nós vivemos muito tempo em Vallauris, o antigo vale de ouro dos romanos. No início dos anos 50, a aldeia era pobre, cheia de mendigos. Mas bastou que Picasso ali se

instalasse, e logo o povoado começou a florescer. Meu pai iniciou seus trabalhos com argila. Vinha gente de todo o mundo para tentar comprar alguma cerâmica mais em conta. Nós morávamos em La Galloise, uma casa cercada de árvores e jardins. Papai ficava entregue ao trabalho e nós só nos víamos à hora das refeições. Embora crianças, Cláudio e eu já estávamos habituados a aceitar as mudanças de seu temperamento. Era um homem imprevisível, o seu humor variava de um pólo ao outro, em questão de minutos.

● Meu pai recebia alguns amigos, e com todos se mantinha sempre em preeminência. Era ele quem falava, quem ria, quem brincava. Imitava um palhaço, um toureiro. Quando estava de bom humor, deixava que Cláudio e eu brincássemos com os seus pincéis. Mas quando ficava azedo, gostava de brigar, sobretudo com os vizinhos. Preocupava-se muito com a nossa saúde. Durante o inverno, em Paris, ele mantinha abertas as portas de seu e do nosso quarto, para saber se nós estávamos tossindo.

Na foto maior, ao lado, a filha mais jovem de Picasso, Paloma, que também se dedica à pintura. Embaixo, o pintor numa de suas últimas fotos, apoiado em Jacqueline, sua mulher, dias antes de morrer.



● A separação entre Picasso e minha mãe ocorreu em 1955. Eles não podiam se casar, pois papai já era casado anteriormente. Aliás, foi uma teimosia sua: ele nunca abdicou da cidadania espanhola, e, por causa disso, tinha de se submeter ao regime de Franco, onde o divórcio era terminantemente proibido. Bastava Picasso ter aceito a cidadania francesa e a história poderia ter sido diferente. Uma tarde, mamãe nos explicou, a mim e a Cláudio, que tínhamos de deixá-lo. Ela nunca pronunciou uma palavra contra ele. Pelo que me foi dado a entender, eles sempre viveram muito bem, apesar da diferença de idades: 41 anos. Basta dizer que Picasso era mais velho do que os meus avós maternos. Mamãe nos ensinou a amar Picasso e a procurá-lo quase sempre, principalmente por ocasião do Natal, da Páscoa, ou das férias.

● Aliás, o mesmo ocorreu com o resto de sua família. Picasso teve o primeiro filho com Olga Khoklova, *Paul*, em francês mesmo, pois o nome foi dado em homenagem a Cézanne. Depois, com outra de suas mulheres, Marie-Thérèse Walter, ele teve a primeira menina, minha irmã Maya. Nossas relações são boas, embora estejamos juntos muito raramente. Paul está casado, tem três filhos. O mesmo sucede com Maya. Quero muito bem a eles.

● Quanto a Jacqueline, sua última mulher, também não tenho queixas. Ainda crianças, Cláudio e eu íamos passar as férias com eles, em Mougins, e formávamos uma verdadeira família, juntamente com Catherine, filha do primeiro casamento de Jacqueline. Iamos à praia, almoçávamos fora, papai brincava sempre com a gente. O curioso é que, sendo multimilionário, Picasso não conhecia mais o valor do dinheiro. Não sabia quanto custava mais nada. Quem lhe administrava a casa era Jacqueline, ela é quem pagava tudo. Mas um dia, em 1964, veio a ruptura. Mamãe telefonou para saber quando poderíamos ir passar as férias e o advogado de papai disse que era impossível. Fomos pessoalmente a Mougins, tocamos a sua campainha. O empregado veio avisar que o dono não estava em casa.



No alto, Sylvette Corbett, que por 13 vezes serviu de modelo ao pintor. Em seguida, Paul Picasso com os seus filhos; na terceira foto, Françoise Gilot, que viveu dez anos com o artista e lhe deu dois filhos, Claude e Paloma. Acima, o neto Pablito, que recentemente tentou o suicídio.